

4. Análise de dados

Neste capítulo analiso as narrativas de João que constituem sua história de vida. Conforme a reunião sobre a proposta da minha pesquisa realizada com os internos chamados “faxinas”, descrita no item 3.1, ressalto que o interno sabia do meu interesse por suas histórias. Sugiro que essa circunstância tenha influenciado as escolhas, ou melhor, a condução de suas narrativas. Todas as histórias que contou sobre si mantiveram uma ligação com a sua vida relacionada ao mundo do crime e à sua condição de apenado. Essa observação remete à citação de Linde de que as “histórias que alguém conta sobre si estão intimamente ligadas à relação que esse alguém possui com o ouvinte.” (LINDE, 1993, p.36).

Conforme apresentado no capítulo referente à metodologia (3), baseado em pressupostos da sociolinguística interacional, este trabalho prioriza a análise das narrativas de João, utilizando a estrutura de análise desenvolvida por Labov (1972) em interface com os estudos narrativos de histórias de vida apresentados por Linde (1993) e de narrativas de resistência apresentados por Ewick e Silbey (2003). Além das narrativas de João, algumas explicações de João (e alguns fragmentos das entrevistas com outros apenados), que constituem avaliações e descrições que contribuem para a compreensão do contexto prisional, da formação da identidade de grupo e do discurso de resistência dos apenados, também serão objetos de análise neste capítulo.

As narrativas que serão analisadas a seguir não foram apresentadas por João, durante a entrevista, na ordem em que estão dispostas neste texto. Decidi organizar cronologicamente os acontecimentos na trajetória de vida de João, conforme indicações das épocas em que ocorreram, obtidas nas narrativas do entrevistado. Dessa forma, verifico com mais clareza a sequencialidade, a coerência e a construção de sua história de vida, de acordo com a proposta metodológica adotada.

Os três itens deste capítulo indicam, respectivamente, construções no discurso de João em que o apenado sugere de forma consciente ou não, sua resistência: à concepção sobre a natureza criminosa de um indivíduo; à concepção de criminoso por escolha própria e convicção e à organização do sistema prisional.

4.1 O jovem João e a construção do delinquente: resistência à concepção sobre essência criminoso

Nesta seção, serão apresentados dois excertos nos quais emergem narrativas que remetem a fases mais distantes da vida de João, como sua infância e sua adolescência. Neste momento da análise, a minha atenção está voltada para a maneira com que João constrói sua imagem de jovem, revelando seus vínculos familiares e possíveis expectativas nessa fase da vida.

4.1.1 História com a família

O excerto (1), abaixo, constitui o momento inicial da entrevista com João. Ao ser indagado sobre o que basicamente havia acontecido em sua vida, o apenado apresenta uma narrativa (linhas 09 a 18) em que fala sobre a relação com a família durante sua infância e sua adolescência. Nesse momento descreve um conflito ocorrido em relação aos seus familiares. Este excerto faz parte da primeira etapa da entrevista.

Excerto 1

8	Liana	= quê que: basicamente aconteceu na sua vida assim::
9	João	a minha infância [ela é... muito contraditória à vida que eu levo. eu sempre fui um::
10		assim jovem, na minha:: juventude, no caso na adolescência, na minha:: infância,
11		né? como estamos... assim, como a senhora está me perguntando, sempre tive uma
12		família bem estruturada, uma família bem organizada, uma família... bem orientada.
13		mas... o que acontece? me faltava algo... °entendeu?° algo. (crê eu) creio eu que pra
14		muitas pessoa faltam algo, né? no caso faltava pra mim algo material... que:: no caso,
15		é:: como é que eu vou explicar? haveria possibilidade da minha família me dar... isso
16		que eu precisava, mas↑ devido a eu ser uma pessoa muito jovem, muito nova, minha
17		família achou que eu não poderia ter aquilo naquele momento.<foi isso que:: fez eu
18		entrar nessa vida.>
19	Liana	[estória de vida]

Nos termos de Labov (1972), podemos observar que o resumo (linha 09), da narrativa em questão, marca a diferenciação - destaco a palavra “contraditória” associada ao intensificador “muito” - entre a infância de João e sua vida atual. Em seguida, João introduz a orientação da narrativa - “eu sempre fui um:: assim jovem /.../ (ainda na linha 09). A partícula temporal “sempre” (linha 11) especifica a regularidade de uma infância, adolescência e juventude junto a sua família, considerada por ele como “bem organizada” e “bem orientada” (linha 12). Dessa

forma, João avalia a relação com os seus familiares, na fase inicial de sua vida, de forma favorável. Essa é uma construção importante para percebermos, no decorrer da entrevista, a maneira com que João concebe sua trajetória de vida e constrói sua identidade de apenado.

Na sequência da orientação, João utiliza a conjunção adversativa “mas” (linha 12), “mas... o que acontece? me faltava algo...”, marcando o momento que define a oposição e a adversidade entre as fases da sua vida (“muito contraditória”, como já havia avaliado), ocorrendo antes e depois da entrada para o mundo do crime, como veremos ao final desta narrativa. Dessa forma, o interno registra a condição de que lhe faltava alguma coisa, em um determinado momento da sua juventude.

João intensifica a carga dramática da situação a ser apresentada, por meio da pergunta retórica “o que acontece?”. Utilizou um termo genérico “algo” (linha 13), seguido de uma pausa e, abaixando a entoação, de outra pergunta “entendeu?”, possivelmente, supondo que pudessemos imaginar o que “algo” poderia significar, devido a conversas prévias conosco (os entrevistadores) sobre diversos assuntos. Porém, posicionando-se como entrevistado, realiza o reparo em forma de avaliação (linhas 13 e 14) dizendo que muitas pessoas sentiam “falta” de alguma coisa em suas vidas, no caso dele, alguma coisa material. Dessa maneira, João se coloca em condição de igualdade com muitas pessoas, considerando que sentir necessidade de algo é uma condição comum vivenciada por qualquer indivíduo na sociedade.

João hesita ao dizer “como é que eu vou explicar?” (linhas 14 e 15), realizando outra avaliação por meio da suposição (linhas 15 e 16) de que haveria uma possibilidade de sua família lhe dar o que precisava (continuou não dizendo qual seria o objeto de desejo). Novamente, elevando a entoação, utiliza a conjunção “mas” (linhas 16) para mostrar uma condição adversa, ou seja, a razão para não ter sua necessidade suprida pela família, ao dizer “devido a eu ser uma pessoa muito jovem, muito nova”.

A alegação de João em relação a sua pouca idade constitui a justificativa para a ação da primeira oração narrativa “minha família achou que eu não poderia ter aquilo naquele momento” (linhas 16 e 17). Não tendo recebido da família o que dizia lhe faltar, sua vida poderia não estar mais “bem estruturada, organizada e orientada”, já que ele não estava mais em conformidade com seus familiares.

Por intermédio da segunda oração narrativa, “foi isso que fez eu entrar nessa vida” (linhas 17 e 18), em ritmo mais lento, João marca o fim da narrativa (coda). João se posiciona numa condição passiva perante o fato (“isso”), agente da ação que o levou a entrar para o mundo do crime, que ele chamou de “nessa vida”, novamente, utilizando uma expressão com sentido vago, como outros termos genéricos empregados.

João apresenta uma narrativa que contém basicamente avaliação, orientação e uma ação complicadora constituída de apenas duas orações narrativas, a quantidade mínima reconhecida por Labov. Essa observação indica uma tendência que João demonstra em estabelecer parâmetros, ou critérios que esclareçam ou justifiquem atos cometidos. As análises das narrativas seguintes confirmam a afirmação acima.

Ressalto que João constrói a sua imagem de jovem, como integrante de uma família que atendia a padrões morais e estruturais esperados pela sociedade, declarando que tinha uma família bem estruturada na infância. Eu acredito que ele apresentava uma família que possuía habitação e tinha condições de prover alimentação e algum nível de instrução para os seus componentes. Estabeleço esse parâmetro em função de comentários sobre bens de consumo e expectativas sobre a vida que o entrevistado declarou desejar, em outro momento da entrevista, para os membros da comunidade em que viveu e para toda a sociedade.

Contudo, mesmo sem ter mencionado problemas específicos em relação aos seus familiares, João relata que entrou para o mundo do crime por não ter recebido da família algo que disse ter sentido necessidade de possuir (empregou as expressões “faltava” e “precisava”). Não existe amparo legal ou, sem contextualização mais detalhada, justificativa moral para ter tomado a sua decisão. Ao mesmo tempo, João, já na condição de apenado, não explicitou ou demonstrou orgulho por ter entrado para o mundo do crime.

Para dar continuidade a esta análise, eu me perguntei: Se até o presente momento da entrevista, João não havia atribuído culpa a qualquer tipo de injustiça social (como outros apenados entrevistados) para ter cometido uma infração, por que razão empregou tantos termos genéricos (“isso”, “nessa vida” e “algo”), não contando detalhes sobre os fatos narrados? Por que se colocou no mesmo patamar de qualquer cidadão comum, dizendo que, como ele, muitas pessoas sentem falta

de alguma coisa? Por que não foi o agente de nenhuma das duas orações narrativas?

As respostas para as minhas indagações começam a se revelar por intermédio das atitudes do apenado descritas em minhas próprias perguntas. Não só nesta narrativa, mas em tantas outras no decorrer da entrevista, observo a resistência que João apresenta em se construir como detentor de uma possível essência criminosa, ou de conter um desejo inexplicável ou injustificável para ter se tornado um criminoso - considerando-se que assume cometer atos, que considera, criminosos. Nas análises seguintes, verifico outros indícios que evidenciam, no discurso do apenado João, elementos que revelam resistência em seus atos e na forma de contar suas histórias.

4.1.2 Definição da história sobre a “falta material”

No excerto 2, abaixo, João conta uma história, em processo de co-construção com Liana, que constitui uma narrativa que especifica a referência de vários termos genéricos que ele havia empregado na narrativa analisada anteriormente (excerto 1). O interno, em verdade, dá continuidade à história narrada sobre como entrou para o mundo do crime. Vale ressaltar que a numeração das linhas dos quadros com os excertos seguem a ordem, na forma integral, de cada uma das duas etapas da entrevista, apresentadas no item 3.3. O excerto seguinte é parte integrante da primeira etapa da entrevista.

Excerto 2

20	Liana	aquilo de:: grana mesmo?
21	João	não. na realidade, eu entrei nessa vida aos catorze anos, quando eu queria possuir uma
22		<u>moto</u> ... entendeu?= = tinha um tinha um objetivo. =
23	Liana	
24	João	= isso. sendo que a minha família por ter uma posição boa, e tal, eu achava que eles
25		<u>tinham</u> que me dar aquela moto. eles não quiseram me dar. e:: eu até ir morar em um
26		local assim:: <u>tranquilo</u> , sem muita criminalidade, mas... todo lugar tem existe de uma
27		forma ou de outra (di) diretamente ou indiretamente existe, né? o crime. [(que aconte-
28		tece?)
29	Liana	[era comuni-
30		dade?]
31	João	é. próximo à comunidade. eu tinha um primo meu que já:: fazia, né? certas coisas,
32		tinha uns certos conhecimentos, foi onde ele me chamou pra realizar... entendeu?
33		um ato de <u>crime</u> .= = huhum=
34	Liana	
35	João	= aonde que:: eu consegui comprar essa moto, aí foi daí pra frente que eu dei
36		continuidade a essa vida...

37	Liana	(aí foi uma bola de neve.)=
38	João	= uma bola de neve. depois que:: já era, entendeu?

Liana retoma o ponto da narrativa apresentada no excerto 1 (motivação para a entrada no mundo do crime), ao inferir (excerto 2, linha 20) sobre o que faltava na vida de João, perguntando “aquilo de:: grana mesmo?” João responde à Liana, primeiramente com a partícula de negação “não” (linha 21). Em seguida, emprega a expressão “na realidade”, sugerindo que irá narrar fatos esclarecedores.

João inicia a narrativa (na mesma linha 21) ao dizer “eu entrei nessa vida aos catorze anos, quando eu queria possuir uma moto...” Ao mesmo tempo em que apresenta o resumo da narrativa no referido enunciado, João introduz a orientação, anunciando a idade com que entrou no mundo do crime (linha 21), até então, no que ele chamava de “nessa vida” (excerto 1, linhas 17 e 18 e excerto 2, linha 21), e utiliza a partícula temporal “quando”, indicando que o “algo” que ele queria conseguir - situação demonstrada na narrativa anterior - era uma moto (linha 22).

Neste momento da narrativa de João, estabeleço uma relação com as justificativas de outros apenados sobre razões para terem cometido o primeiro delito de suas vidas. A maioria dos entrevistados indica ter presenciado a vida de privações dos pais e a dificuldade para sustentarem os filhos. A oportunidade de conseguir recursos financeiros por meio do tráfico de drogas esteve muito próxima na infância e na juventude desses apenados. Um deles, que chamamos de Jorge, relatou que, aos quatorze anos de idade, já sofria uma “certa influência” e já estava “dividido” entre o trabalho (pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ele não poderia estar trabalhando nesta idade) e a “bandeja grande” vindo em sua mão (ou seja, a oportunidade de participar do tráfico de drogas).

João não apresentou um histórico de dificuldades financeiras de sua família, mas disse ter se sentido privado de obter um bem material - uma moto. Indico que uma moto não seria um bem que um jovem de 14 anos pudesse adquirir, pois, perante a lei, não receberia carteira de habilitação para guiá-la. Não estabeleço juízo de valor sobre o motivo apresentado por João para cometer um delito, considerando-o menos justificável do que o de outros apenados, por não ter certeza do nível de envolvimento de João, em sua adolescência, com jovens infratores. Lembremos que João havia realizado um reparo em forma de avaliação

(observado no excerto 1), dizendo que muitas pessoas sentiam “falta” de alguma coisa em suas vidas, colocando-se em condição de igualdade com muitas pessoas.

Durante a chamada “guerra contra o tráfico” no Rio de Janeiro, na semana de 21 a 28 de novembro de 2010, uma das cenas mais marcantes registradas pela mídia mostrou integrantes de uma quadrilha correndo por uma estrada de terra na comunidade de Vila Cruzeiro. Na edição do jornal *O Globo* de 26 de novembro de 2010 (caderno especial “A Guerra do Rio”, p.3), foi noticiada a apreensão de 40 motocicletas junto a carros, drogas e armas que eram usadas pelos traficantes em fuga. Na mesma edição, há fotos contendo criminosos armados, circulando com motocicletas pela referida comunidade.

Insisto na temática sobre a vontade de João possuir uma moto, pois os fatos narrados acima constituem alguns dentre várias situações propagadas nos noticiários televisivos e nos jornais da cidade. Destaca-se a utilidade das motocicletas na vida dos moradores dos morros cariocas, pela necessidade de deslocamento pelas ruas estreitas e pelas alturas dos trajetos nas comunidades. Da mesma forma, os criminosos também necessitam deste meio de transporte.

Retomando a microanálise, observemos que Liana demonstra estar participando da construção da narrativa. João utiliza uma pergunta apêndice “entendeu?” (linha 22), em busca de alinhamento, e Liana toma o turno dizendo “= tinha um tinha um objetivo. =” (linha 23). A interlocutora sugere a João que ele tinha um objetivo firmado, antes da decisão de entrar para o mundo do crime, que seria o de comprar uma moto. João confirma (“isso”, linha 24) e, por meio da expressão “sendo que”, expressando causa (considere “uma vez que”), considera que a sua família “por ter uma posição boa, e tal” (linha 24), deveria dar a moto a ele. Levemos em conta que “e tal” é uma expressão que normalmente é usada para encerrar uma enumeração. Dessa forma, João intensifica o valor de sua avaliação, indicando que sua família não lhe deu a moto porque não quis, ao dizer “sendo que a minha família por ter uma posição boa, e tal, eu achava que eles tinham que me dar aquela moto. eles não quiseram me dar.” (linhas 24 e 25)

João dá sequência à orientação dizendo “e:: eu até eu ir morar em um local assim:: tranquilo, sem muita criminalidade” (linhas 25 e 26). Por meio dessa oração, João estabelece um limite de tempo (emprega o termo “até”) para o início de um processo de mudança em sua vida; para o início do que viria a ser a sua

relação com o mundo do crime. O fato aconteceria no período em que havia mudado para um local que avaliou como “tranquilo” e “sem muita criminalidade”.

João faz um reparo (linhas 26 e 27), empregando a conjunção “mas” (com sentido de ressalva), seguido de uma breve pausa, para indicar a existência de criminalidade em todos os lugares e diz “mas... todo lugar tem existe de uma forma ou de outra (di) diretamente ou indiretamente existe, né? o crime.” Ao usar as expressões “de uma forma ou de outra” e “diretamente ou indiretamente” (linha 27), João realiza uma avaliação sobre a possibilidade da existência de criminalidade, mesmo que de diferentes formas de manifestações ou práticas, em qualquer localidade. João aproxima a realidade da criminalidade à vida de qualquer cidadão. Novamente, destaco a postura de João em se colocar na mesma condição de “sentir falta de alguma coisa”, que qualquer indivíduo estaria sujeito a se colocar. Dessa forma, neste turno considero haver uma hesitação por parte de João em assumir que tenha mudado para um lugar que sugeriu ser tranquilo.

Em fala sobreposta a de João, que indicava dar continuidade à narrativa, ao enunciar um prefácio “[que acontece?]” (linha 27), Liana pergunta se a nova residência de João era um local considerado “comunidade” (linha 29). Ressalto que os internos se referem ao termo (“comunidade”) como sendo uma área de concentração de classes populares, discriminada por classes mais abastadas. Essa indicação foi apresentada na aula de história que observei na instituição, descrita no item 3.1, assim como em outras entrevistas, em que os internos narraram situações de extremo desconforto em suas vidas pessoais, ao revelarem que moravam em alguma “comunidade”.

João, que já havia hesitado sobre indicar o grau de tranquilidade no local para onde havia mudado, sugere que o local era “próximo a” e não, “na” “comunidade” (linha 31). Ao mesmo tempo, retomo o fato de que João havia construído uma imagem positiva sua, não só em relação à boa estrutura de sua família, quanto em relação à sua aparência física e ao seu grau de instrução (apresentada no item 3.3).

Sugiro que, pelas indicações apresentadas anteriormente: hesitação de João (linhas 26 a 27 e linha 31); interrupção por meio de uma pergunta objetiva de Liana, alinhada à concepção que outros internos demonstraram sobre o termo “comunidade” e a tendência de João a se apresentar como não tendo advindo de uma classe social desfavorecida, o apenado constroi sua identidade, resistindo à

imposição de estereótipos (ou de algum estigma) relacionados a uma suposta essência criminosa, ou por sua origem desfavorecida socioeconomicamente.

João mantém o componente de orientação da narrativa, indicando que tinha um primo (linhas 31 a 32) que já fazia o que ele chamou de “certas coisas”, por já ter “uns certos conhecimentos”. João não contou se o primo morava ou não próximo a ele ou à “comunidade” vizinha. A única relação que posso estabelecer entre o contato de João com o primo é temporal. Contudo, a aproximação das indicações de tempo (época da mudança de bairro), lugar (residência “próxima” à “comunidade”), pessoas (ele, a família e o primo) e as circunstâncias (entrar “nessa vida” por querer possuir uma moto), representa um forte indício de que, se João realmente não estava exposto diretamente a um contato com o mundo do crime, seu primo tinha condições de colocá-lo rapidamente, ou melhor, de demonstrar a proximidade que João poderia ter com a criminalidade.

Em seguida, João dá início à ação complicadora, composta por uma sequência de três orações narrativas:

- 1 - “então ele um dia me chamou pra realizar... entendeu? um ato de crime.”
- 2 - “aonde que:: eu consegui comprar essa moto,
- 3 - “aí foi daí pra frente que eu dei continuidade a essa vida...”

Na primeira oração narrativa, João conta que seu primo o chamou para realizar “um ato de crime” (linhas 32 e 33), após uma breve pausa e o emprego da pergunta “entendeu?” indicando solicitação de apoio para continuar o enunciado e utilizar a palavra “crime”, pela primeira vez na entrevista. A segunda oração narrativa (linha 35) pode ser também analisada como a resolução - o ato de João conseguir comprar a moto. A terceira oração narrativa (linhas 35 e 36), apesar de dar a ideia de uma ação de projeção futura e de continuidade, pode também ser considerada a coda. João ao dizer “aí foi daí pra frente” marca o fim da narrativa, indicando que tomou a decisão de “dar continuidade a essa vida” (novamente empregou a expressão genérica “essa vida”), apontando para a decisão de manter o envolvimento com o crime.

Liana (linha 37) reitera a conclusão da narrativa, dizendo que a “continuidade a essa vida”, na fala de João, representaria “uma bola de neve” na vida dele. João concorda com Liana e realiza uma avaliação, sugerindo a condição: “depois que::” (linha 38), fornece uma pausa e não termina o

enunciado, indicando a ação, mas a ideia é a de que depois que se entra para o crime (emprega a expressão “já era”), não há como sair “dessa vida”.

Nas duas narrativas apresentadas até o presente momento, é possível estabelecer uma relação entre a vontade de João de possuir uma moto na condição de adolescente, por exemplo, e o desejo de um cidadão comum conquistar a chamada “justiça distributiva ao consumidor” descrita por Bauman (item 2.2.1). João informa que sua família, até os seus catorze anos de idade, não possuía dificuldades financeiras. Porém, na sequência da entrevista (linhas 35 a 62, anexo D), ao ser perguntado se sua família sofria ao saber que estava se envolvendo com o crime, João relata que, em geral, a família finge que não percebe quando o jovem está entrando para o crime. A família percebe o grau de independência e autonomia adquirido pelo filho que entra para o crime e tem medo de perdê-lo. Por essa razão não entra em conflito com ele.

Considerando a imagem que construiu de sua família, por meio de suas narrativas, pergunto: como uma família “estruturada”, como a construída por João, pode “fingir” (termo empregado por João) que não sabe que o filho roubou para conseguir comprar uma motocicleta, por exemplo, e ficar com medo de sua independência financeira aos catorze anos de idade? Esta família teria realmente condições financeiras para atender a expectativas materiais de um jovem e condições para “orientá-lo” (termo empregado por João - linha 12, excerto 1)?

João pode se construir como um indivíduo que não aceita compartilhar o estigma e a humilhação pública com pessoas na mesma condição socioeconômica que ele (ver o processo de guetificação involuntária de Bauman no item 2.2.1). Dessa forma, a chamada precariedade da construção solitária da identidade contribui para que João e outros inconformados como ele sejam estimulados a procurarem o que Bauman chamou de “cabides”, em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades e compartilhar as incertezas individualmente vivenciadas. O envolvimento com criminosos (a exemplo do contato com o primo) parece ter sido a opção escolhida por João.

Outros apenas entrevistados, apesar de não justificarem os seus atos criminosos por terem nascido pobres, reclamam da influência negativa que uma trajetória repleta de restrições e preconceitos pode proporcionar em suas vidas. Como sugere Bourdieu (1998), apresentado no item 2.2.2, no modelo neo-liberal a desigualdade social é reforçada pela condição de que o indivíduo mais competente

é que governa. Também para Bauman (item 2.2.1), o processo de constituição da vulnerabilidade das identidades individuais pode ocorrer a partir do momento em que as elites capitalistas considerem que os membros dessas chamadas “minorias” (classes pobres) sejam fracos por serem incapazes de vencer as dificuldades individualmente.

4.2. O homem João e o mundo do crime: resistência à concepção de criminoso por convicção

Nesta seção, dois excertos serão analisados. As narrativas de João, selecionadas a seguir, remetem a eventos vivenciados pelo apenado, em que o narrador apresenta aos interlocutores a fase da sua trajetória de vida na qual assume socialmente sua condição de criminoso. João mantém, neste ponto da entrevista, o mesmo padrão narrativo observado em todo o encontro, marcado, entre outros elementos considerados (como termos genéricos, por exemplo), pelas constantes avaliações que faz em relação a sua personalidade, a pessoas com quem interage e a instituições sociais; recursos que fazem parte de seu discurso de resistência.

4.2.1 Divisão entre o amor pela mulher e pelo mundo do crime

No excerto seguinte, João narrou o momento em que decidiu que o mundo do crime faria, efetivamente, parte da sua vida - “seu mundo”, conforme suas palavras, encontradas na sequência abaixo. Na mesma época, disse ter conhecido a sua esposa. Este excerto é parte da segunda etapa da entrevista.

Excerto 3

59	Liana	entendi. aí um outro assunto que que: eu achei uma pena ter perdido que foi
60		você falando da: da: sua esposa. é: que eu achei ótima assim a história. você
61		falou que é: o marcelo até tinha feito uma pergunta que você falou que
62		começou com dezesseis anos=
63	João	=isso=
64	Liana	=e e é exatamente o tempo que você tá: casado=
65	João	=é, [e entrou na minha vida também quase na mesma época em que eu: é: me:
66		em que eu achei o meu mundo, entendeu?]=
67	Liana	[né?

68	Liana	=como é que foi?
69	João	(2.0) bom, foi numa época assim... foi num- foi um momento em que eu: é:
70		conheci, foi entregue uma () um tamanho poder em minhas mãos, que
71		eu conheci ela.
72	Liana	Huhum
73	João	então foram coisas adversas à vida que eu levava. porque um lado me puxava
74		pro lado do crime, um lado me puxava pra um: pra um lado mais tranquilo. e
75		ela era esse elo, [que separava eu do crime. então, foi esse momento que eu
76		conheci ela, num momento que eu me decidi, que é isso mesmo o que eu quero
77		e tal
78	Liana	[sei
79	Liana	° huhum°
80	João	foi onde ela entrou na minha vida. meu grande amor.
81	Liana	()
82	João	°meu grande amor.° quase me tirou. <u>quase</u> me tirou do crime.
83	Liana	é↑
84	João	ela quase conseguiu.

Na linha 59, Liana lamenta ter perdido uma gravação feita com João, conforme situação descrita no item 3.3, em que descrevi o contexto da entrevista. Dessa forma, realiza o resumo da narrativa, desenvolvida em co-construção com João. Liana, na mesma linha, faz uma avaliação, indicando a importância das informações que foram perdidas, ao dizer “eu achei uma pena ter perdido”. Em seguida, (linhas 60 a 62), Liana retoma a situação em que João havia contado (na gravação anterior) ter definido sua vida junto ao crime na época em que conheceu sua esposa, ao dizer “você falando da: da: sua esposa. é: que eu achei ótima assim a história. você falou que é: o marcelo até tinha feito uma pergunta que você falou que começou com dezesseis anos?”. Liana, novamente, faz uma avaliação positiva sobre a “história” (linha 60) contada por João, considerando-a “ótima”. Na sequência, inicia a orientação da narrativa, indicando que João havia respondido a uma pergunta do professor Marcelo, sobre a época em que havia assumido que pertencia ao crime organizado, dizendo que “começou com dezesseis anos”.

Por meio de uma troca de turnos, João confirma as palavras de Liana (“isso”, linha 63), enquanto Liana, mantendo a orientação da narrativa, diz (linha 64) “=e é exatamente o tempo que você tá: casado=”. Indicando saber que desde que João conheceu sua esposa, manteve-se casado com ela. Na sequência, João (linhas 65 e 66) reafirma as informações da orientação de Liana, dizendo “=é, [e entrou na minha vida também quase na mesma época em que eu: é: me: em que eu achei o meu mundo, entendeu?=". João indica, por meio da expressão “quase na

mesma época”, que realmente conheceu sua esposa em época próxima a que disse ter achado o “seu mundo”. Por meio da pergunta retórica “entendeu?”, João se mantém alinhado a Liana, solicitando concordância e compreensão em relação aos seus enunciados.

João separa as duas ações “conhecer a mulher” e “achar o seu mundo”, por meio de dois agentes de ações verbais diferentes. Na primeira ação, sua mulher, agente da ação, foi que “entrou” na sua vida; na segunda, João é agente e “acha” o seu próprio mundo. Este é um primeiro indicador de que João não integra a sua esposa no “seu mundo” (especificamente este), que, em seguida, podemos confirmar que é o mundo do crime. Como tantos termos genéricos empregados por João, a expressão “meu mundo” possui um sentido vago, caso não contextualizada.

Liana (linha 68) solicita que João conte como aconteceu a conciliação das ações (descritas acima) em sua vida, perguntando “=como é que foi?”, contribuindo para que João narrasse a ação complicadora. Uma breve pausa de dois segundos no início do turno de João (linhas 69), seguida do termo “bom” (termo iniciador de turno), sugerem hesitação do narrador ao apresentar uma orientação para a narrativa, referindo-se à época em que ocorreu o evento ao dizer: “bom, foi numa época assim... foi num - foi um momento em que eu: é: conheci, foi entregue uma () um tamanho poder em minhas mãos, que eu conheci ela.” Dessa forma, João não indica com clareza a ordem dos fatos. Para nós interlocutores, a ideia passada é a de que João se encontrava em uma fase da vida em que estava recebendo uma função de confiança dentro da hierarquia do crime organizado, vide “foi entregue uma () um tamanho poder em minhas mãos” (linha 70), quando conheceu sua atual esposa.

Antes de entrar na ação propriamente dita (ação complicadora, nos termos de Labov), João faz uma avaliação “então foram coisas adversas à vida que eu levava” (linha 73), indicando que vivia um conflito (“coisas adversas”) em sua vida. As orações que se seguem não estão numa sequência temporal no tempo passado (mais especificamente, no pretérito perfeito), logo, a narrativa não se ajusta ao modelo canônico estabelecido por Labov (1972). A situação descrita nas orações também não se referem a um evento específico, mas a ações contínuas no passado, porém em alternância. Considero, nesta análise, que tal alternância de ações demonstra sequencialidade em processo de repetição. No item sobre a

contribuição de Labov no estudo de narrativas, ao citar Bastos (2005), no item 2.4.1, indiquei que poderia incluir narrativas que não se restringissem à exigência de verbos no pretérito perfeito.

Nas linhas 73 e 74, observamos que João descreve as ações em conflito (“adversas”) em “porque um lado me puxava pro lado do crime, um lado me puxava pra um: pra um lado mais tranquilo”. As duas ações (“puxava”) são exercidas por dois agentes (“lados”) diferentes (opostos): um, “do crime” e o outro, “mais tranquilo”. Observemos que as ações (“puxava”) das orações que considere como “ação complicadora”, estão no pretérito imperfeito, não satisfazendo o modelo canônico apresentado por Labov. Contudo, estando inserido na história de vida de João, considero o evento narrado como um acontecimento específico em sua vida.

Em seguida (linha 75), obtemos uma orientação na qual o narrador avalia que a mulher, que se tornou sua esposa, constituiu o “elo” que impedia que João assumisse definitivamente a condição de criminoso, dizendo “ela era esse elo, que separava eu do crime.” O termo “elo” pode ter sido empregado indevidamente por João junto à ação “que separava eu do crime” (em seu sentido literal, elo não separa, une). Em verdade, entendo que, para João, a sua mulher era o elemento que o mantinha ligado a uma realidade que não seria compatível com a criminalidade, consequentemente separando-o deste universo.

A narrativa é encerrada com a “coda” (linhas 75 a 77) “então, foi esse momento que eu conheci ela, num momento que eu me decidi, que é isso mesmo o que eu quero e tal”. Por meio deste componente, João finaliza o conflito entre as ações que o “puxavam” para lados opostos, indicando que a sua decisão foi tomada “eu me decidi”, no mesmo momento em que conheceu sua mulher. Um fato não impediu a existência do outro, sugerindo que João administraria o conflito. Observemos que João avalia sua decisão dizendo “que é isso mesmo o que eu quero e tal”. A expressão “e tal”, já empregada pelo narrador durante a entrevista, é uma expressão que normalmente é usada para encerrar uma enumeração, logo, indica que João pode possuir outros argumentos para confirmar sua decisão.

Entre as linhas 80 a 84, João continua uma sequência de avaliações, retomando a ideia de que esteve dividido entre o amor da sua mulher - a qual chamou de “meu grande amor” - e pelas expressões em que conta que sua mulher

“quase” o tirou do crime (reitera com “quase” conseguiu). O termo “quase” intensifica o grau de proximidade de êxito da mulher de João em tirá-lo do crime, indicando o tom de dramaticidade que o narrador utiliza para o conflito que vivenciou até o momento de assumir o “tamanho poder” (linha 70) que colocaram em suas mãos.

Destaco a importância dessa passagem na vida de João, por ser o momento em que o narrador define uma escolha que marcará definitivamente a sua relação com seus amigos e familiares e com toda a sociedade, como membro do crime organizado. Ao dizer “num momento que eu me decidi, que é isso mesmo o que eu quero e tal” (linha 76), João se coloca na condição de um jovem como qualquer outro (lembramos que João tinha apenas 16 anos de idade), que decide pela sua profissão (como médico, professor, etc).

No artigo de Ewick e Silbey (2003), discutido neste trabalho no item 2.2.2 encontramos que os atos diários de resistência representam as maneiras pelas quais pessoas em posições de subordinação se acomodam em relação à estrutura de poder, protegendo seus interesses e identidades. João já havia sugerido desejar participar da chamada “justiça distributiva numa sociedade liberal e desigual” (BAUMAN, 2003, p. 81), tema discutido no item 2.2.1, conforme narrativas anteriores. Observamos que o apenado havia dito que “pra muitas pessoas falta algo” (excerto 1) e que lhe faltava uma moto, objeto de desejo de vários jovens em condições semelhantes a dele (assunto abordado em análise referente ao excerto 2).

Na sequência da narrativa do excerto acima (3), João continuou falando sobre os pedidos de sua mulher, já na condição de esposa, para que largasse o crime, sob a ameaça de deixá-lo (ver anexo II, linhas 86 a 101). João contou que, ainda jovem, sua mulher engravidou. Ele tinha apenas dezessete anos na época. Sob tais condições, João havia prometido que deixaria a criminalidade, a partir do momento que “estruturassem a vida”. Segundo João, com o passar dos anos, o casal realmente se “estruturou”, sua mulher foi “aceitando” e relaxando”. Dessa forma, vendo “possibilidade de mais”, João disse não conseguir mais largar o crime, continuando com as duas coisas que gostava: a mulher, que diz amar até hoje, e o crime.

Dando segmento à crítica de Bauman (2003) em relação à ideologia neoliberal que sustenta os princípios da estrutura capitalista na economia do

mundo, comparo o desejo de João de adquirir os direitos de assimilação do ideal liberal da elite da sociedade de bens de consumo que propunha o voluntarismo, liberdade individual, e auto-afirmação. João decide, como ele mesmo diz, (afirmando saber o que queria), estruturar a sua vida por intermédio do crime.

O ato de resistência por meio da acomodação em relação à estrutura de poder (EWICK & SILBEY, 2003), condição que sugiro ter sido vivenciada por João pelos motivos acima citados, pode ser também ilustrado pela fala de João (anexo II, linhas 103 a 118) em que conta ter sido muito assediado por mulheres em sua “comunidade” (na condição de membro do crime organizado, assume morar em uma “comunidade”), por ter uma “forma de poder” ou uma “forma de persuadir” diferente. Vangloria-se de ter tido muitos amores, mas afirma que sua mulher nunca perdeu o “status”. Portanto, João sugere que, assumindo o risco de cometer atos ilícitos que o beneficiem financeiramente e que o favoreçam dentro de uma determinada estrutura de poder, pode ser considerado um “bem sucedido”, de forma semelhante à elite descrita por Bauman.

4.2.2 “Fui preso!”

O excerto a seguir é o registro final da segunda etapa da entrevista. Liana solicita que João recontar a história do crime em que esteve envolvido e que acarretou sua prisão.

Excerto 4

119	Liana	°entendi.° e aí a a: última eu deixei por último assim pra ver se a gente ficava
120		mais à vontade, também porque eu tinha te pedido da outra vez, pra você me
121		contar a história de quando você foi foi: foi preso. a que tá no processo. não
122		precisa contar nada além disso, né? e: e aí você começou a me contar, você
123		podia repetir a história pra gente?
124	João	(sim) fui preso, é: >onde eu fui cometer um crime<, lá (no lugar) onde eu fui cometer
125		esse crime, é: tinha um policial, mas infelizmente ele se sentiu
126		ameaçado, né? > de ver eu tar praticando o crime e estar lá< ele achou que eu
127		ia: >sei lá: tirar a vida dele, ou alguma coisa assim< coisa que não: que não
128		iria acontecer. ele me deixou=
129	Liana	=você tava tranquilo↓
130	João	não, eu tava tranquilo. sempre fui- eu sou uma pessoa tranqüila, [uma pessoa]
131	Liana	[era o que,
132		banco?
133	João	não, não. °não° outra coisa. aí o que acontece↑... foi onde ele tentou. ele tentou
134		me impedir, houve uma troca de tiros onde ele não foi feliz. infelizmente ele
135		[ele faleceu. °entendeu?°
136	Liana	[huhum
137	Liana	°entendi.°

Das linhas 119 a 123, Liana solicita que João conte uma história sobre um crime específico: o crime que causou a condenação do entrevistado. Sensibilizada de que o ato de repetir a referida história seria passível de causar constrangimento a João, a entrevistadora pediu para ouvir essa história somente ao final da entrevista. Liana demonstrou a João que não tinha intenção de compromê-lo, haja vista que, já condenado, João não precisaria fornecer mais informações além das que ele havia informado no seu processo penal.

Na linha 124 João inicia uma narrativa na qual resume o ocorrido com apenas duas palavras “fui preso”. Em seguida, acelera o ritmo da fala no momento em que estabelece a orientação. João não relata detalhes sobre a natureza do crime que iria cometer, assim como não informa o local, ou o tipo de estabelecimento em que atuaria. A aceleração na fala, os termos genéricos, “onde” e “lá”, e a fala pouco clara (linhas 124 a 125), que pode significar “no lugar onde eu fui cometer esse crime”, sugerem que o apenado não se sentia à vontade para expor sua atuação criminosa. A única informação mais precisa é que havia um policial no local (linha 125).

Por intermédio da primeira oração narrativa “ele se sentiu ameaçado” (linha 125), João indica que o policial se sentiu intimidado (João sugere lamentar o fato, conforme o advérbio “infelizmente”, que antecede a oração) por vê-lo “praticando o crime e estar lá”, e, novamente (linha 126), acelera o ritmo da sua fala ao mencionar que estava praticando um ato de crime. Na oração narrativa seguinte “ele achou que eu ia: >sei lá: tirar a vida dele, ou alguma coisa assim<” (linhas 126 a 127), João supõe - vide as expressões “sei lá” e “ou alguma coisa assim” - que o policial “achou” que ele, João, fosse tirar a sua vida. Também neste momento, empregou um ritmo acelerado para a sua fala. Em seguida, João apresenta uma orientação (linhas 127 a 128), indicando que ele não iria atentar contra a vida do policial.

Neste momento, Liana (linha 129) toma o turno para perguntar se João estava “tranquilo”. O apenado não se constrói como um tipo criminoso reconhecido pelos padrões estabelecidos pelo senso comum, resistindo a ser identificado como um indivíduo nervoso, agressivo, ou, supostamente, de índole assassina. João não só informa estar tranquilo no momento do incidente (linha 130), mas também se autorrepresentou como uma pessoa sempre tranquila (“sempre fui- eu sou uma pessoa tranquila”), desassociando a imagem do ato do

crime que iria cometer, com a de um assassinato premeditado de um policial. Em processo de co-construção da narrativa, Liana solicita uma informação sobre o local onde ocorreu o fato, perguntando se era em um banco (linhas 131 e 132), e João permanece resistente a narrar mais detalhes, tornando a empregar a expressão “outra coisa” (linha 133), para não conceder a informação solicitada.

Ao retomar a sequência da narrativa com “aí o que acontece↑...”, João relata que o policial tentou impedi-lo de cometer o ato de crime ao qual havia se proposto realizar, havendo uma troca de tiros. É relevante observar que João não relata ter atirado contra o policial. João relata na linha 134 que o policial “não foi feliz”. Devo informar que, na gravação apagada, conforme registro em meu diário de campo, João havia dito que o policial não havia sido feliz “no combate”. Provavelmente, não só por solicitação de Liana, mas por haver recontado a história de forma tão semelhante à da gravação anterior, João pode ter evocado o depoimento prestado em seu processo. João encerra a narrativa com a coda “infelizmente ele faleceu”, sugerindo que não ficou satisfeito com o desfecho da experiência passada.

Destaco, nesta narrativa, o modo vago como João reconstrói a experiência do ato criminoso que resultou na sua condenação. João não relata ter assassinado um policial, tampouco informa detalhes sobre o crime que iria cometer, minimizando a gravidade dos fatos.

Retomo a sequência de orações narrativas acima analisadas, para mostrar que João evita se construir como agente das ações de seu relato. O sujeito das orações narrativas 1, 2, 3 e 5 “ele” remete ao policial. A oração narrativa 4 não apresenta sujeito.

- 1 - “ele se sentiu ameaçado”
- 2 - “ele achou que eu ia: >sei lá: tirar a vida dele”
- 3 - “ele tentou me impedir”
- 4 - “houve uma troca de tiros”
- 5 - “onde ele não foi feliz.”

Após a orientação inicial da narrativa, a agência que era de João, “onde eu fui cometer um crime” (linha 124), passa a ser do policial que foi morto no confronto com João. O narrador, e também autor do disparo fatal, não se apresenta

como o sujeito da ação. João transfere para o policial a responsabilidade de não ter sido feliz no combate e, por essa razão, ter falecido.

Podemos entender a narrativa de João de acordo com a proposta de Ewick e Silbey (2003), em que sugerem existir formas criativas de se realizar atos de resistência, que não se referem apenas a declarar-se explicitamente em oposição a alguém, a alguma coisa ou a alguma instituição.¹ A resistência requer uma consciência de oportunidade, ou seja, uma abertura na situação, por meio da qual uma pessoa pode contornar uma situação, em princípio desfavorável, para seu próprio proveito. Ilustrando a citação das autoras, digo que empregar termos ou utilizar um discurso semelhante aos que trabalham com a lei, como advogados de defesa, que reconstróem fatos de forma a favorecer seus clientes, pode ser um recurso, chamado de resistência tática.

Percebe-se que João narra um atentado contra uma vida, como se fosse um combate em que, agindo em legítima defesa, foi vitorioso ao final, ainda que lamentando a morte de seu oponente. Dentre outros recursos, elabora um enunciado repleto de detalhes que poderiam ser empregados para, caso não justificar, ao menos esclarecer atos por ele cometidos, condenados pela população em geral.

Nos excertos 3 e 4, analiso narrativas de João em que, na condição de apenado, o narrador apresenta em seu discurso estratégias de resistência a ser considerado um homem que se tornou um criminoso sem maiores reflexões sobre o assunto. João sugere que a tomada de decisão para se tornar um criminoso, ou de realizar um ato de crime que ocasione consequências graves a terceiros, ocorre em contextos repletos de situações adversas e conflitantes, gerando angústia e questionamentos.

João demonstra ser um narrador habilidoso, pois em diversos momentos da entrevista consegue estabelecer paralelos entre um indivíduo que, após vivenciar muitos conflitos para decidir como participar da sociedade de consumo em condições de igualdade, adota o mundo do crime como forma de sobrevivência. Ao considerar o mundo do crime, praticamente, como uma escolha profissional, estabelece critérios ao exercer um ato criminoso, como se pertencessem a um código de ética profissional.

¹ EWICK E SILBEY, 2003, p. 1336.

4.3 O apenado João: resistência ao sistema prisional

Nesta última seção, serão apresentados dois excertos. As explicações de João remetem à sua condição de apenado. João conta como uma pessoa condenada a cumprir pena se sente ao chegar a um presídio, como é a relação com outros internos e avalia a ação do sistema prisional no processo de ressocialização dos apenados. O leitor não encontrará informações advindas de depoimentos em tom jornalístico. Lembremos que João, por diversas razões já explicitadas neste trabalho, aborda temas ou situações, apresentando poucos detalhes.

4.3.1 “A cadeia, ela me transformou em algo que eu não era.”

No excerto seguinte (5), na metade da primeira etapa da entrevista, Liana direciona o tópico para a vida de João no presídio, perguntando (linhas 64 e 65) sobre o que a cadeia havia mudado na sua vida e na sua forma de ver o mundo.

Excerto 5

65	Liana	entendi. você:: é::: quê que você acha que a cadeia <u>mudou</u> na sua vida? assim, na sua
66		maneira de:: de enxergar o mundo?
67	João	bom. a cadeia, ela me transformou em algo que eu não era.
68	Liana	você esperava↑ que fosse ser preso =
69	João	= nunca =
70	Liana	= um dia? =
71	João	= nunca. eu fazia minhas coisas e nunca imaginava que poderia ser preso. eu achava
72		que eu era intocável...
73	Liana	Huhum
74	João	entendeu? mas a cadeia, o que ela mudou em mim, ela me
75		transformou em algo, é:: como é que eu vou explicar? em algo que eu nunca pensei
76		que eu ia me tornar, entendeu? no sentido de quê? o governo, ele não está
77		preparado, nem tá capacitado pra:: ressocializar ninguém. entendeu? não está
78		preparado. então você chega num num complexo penitenciário, você é um jovem,
79		cometeu um delito, pequeno e tal... ou <u>grande</u> , dependente que às vezes é <u>forçado</u> ,
80		entendeu? que às vezes >uma atitude que você vai fazer cê pensa que é uma coisa,
81		mas é outra,< então você acaba sendo forçado a cometer um ato que você não queira
82		cometer, MAS quando você chega aqui <u>dentro</u> , é:: a forma de você se expressar <u>muda</u> ,
83		>a forma de você pensar muda,< por quê? porque você tá em convívio com pessoas
84		com mentes <u>altamente</u> criminosas, <u>altamente</u> voltada para o crime, entendeu? então
85		você de uma certa forma você <aprende MAIS>
86	Liana	Sei
87	João	você evolui aquilo que você tá vivendo. =
88	Liana	= você fica sabendo. tem tem um saber de cadeia. =
89	João	= [tem::
90	Liana	[né? tem um conhecimento =
91	João	= <u>tem</u> . maioria aqui, digamos que trinta por cento dos presos realmente queiram se
92		ressocializar, quarenta por cento. mas têm <u>muitos</u> que a <u>revolta</u> , o <u>massacre</u> é:: no
93		caso:: (3.0) as <u>humilhações</u> , tudo <u>mais</u> , os familiares <u>passam</u> , alguma coisa assim,

94	Liana	Huhum
95	João	... acaba revoltando alguns, né? algu algumas pessoas, e i:sso influi mui:to pra ressocialização. por isso que não há- eu creio eu no meu ponto de vista que não há condições de ressocialização, prendendo dessa forma =
96		
97		
98	Liana	= quando o [cara passa pelo (presídio)
99	João	[que]
100	João	isso. que a pessoa pague pelo que fez, tudo bem. <fez, paga, ótimo.> mas da forma que <u>paga</u> , °entendeu?° da forma que <u>paga</u> , é que muda =
101		
102	Liana	= é sofrido, né? =
103	João	= entendeu?

A declaração na linha 67 “a cadeia, ela me transformou em algo que eu não era” funciona como um resumo da narrativa que João apresenta após uma troca de turnos com Liana, na qual informa à entrevistadora nunca haver pensado em ser preso (linhas 68 a 73). Lembremos que João já pertencia ao crime organizado antes de ser preso e condenado. Em outra etapa da entrevista, João havia relatado que a posição ocupada por ele em sua facção proporcionava-lhe a sensação de segurança e de impossibilidade de ser pego pela polícia. João se considerava “intocável” (linha 72). A condição de apenado e interno em um presídio - “cadeia”, conforme as palavras do narrador - leva João a perceber a construção de um novo significado sobre si mesmo, devido à “transformação em algo que ele não era”.

Após retomar a narrativa, repetindo o resumo (linhas 74 a 76), reiterando que foi transformado pela cadeia, João avalia o governo (linhas 76 a 78) como incapaz de ressocializar os internos. De acordo com Ewick e Silbey (2003), os atos de resistência também podem clamar por justiça, envolvendo avaliações de que o poder produziu restrições, oportunidades e situações injustas. Contudo, nem sempre essas práticas podem contestar abertamente as estruturas de poder, sendo elaboradas de forma a não serem reconhecidas por aqueles contra quem seus atos tenham sido direcionados.²

No caso de João e dos outros apenados entrevistados, as críticas contra as instituições governamentais, como a polícia e o sistema prisional, por exemplo, são apresentadas com frequência em seus discursos. Entretanto, ainda que “contestem abertamente as estruturas do poder”, João e os outros internos entrevistados não indicam as atitudes e os procedimentos que devem desempenhar

² EWICK & SILBEY, 2003, p.1337.

em consonância com os princípios da facção criminosa a que pertencem, mesmo estando na condição de reclusos.

João se apresenta como personagem no início da narrativa do fragmento acima, tendo sido transformado pela cadeia, em algo que ele nunca pensou que iria se tornar. Em seguida, após a avaliação mencionada acima, João narra uma história hipotética que pode ter acontecido exatamente com ele, personagem inicial, ou que pode expressar uma concepção de impessoalidade pela transferência do pronome “eu” para o pronome “você”, indicando que qualquer outro apenado pode passar pela mesma experiência. Este é um dos momentos da entrevista em que João fala em tom de representatividade de outros internos, que vivenciam situações adversas semelhantes em suas trajetórias na condição de apenados.

Em seguida, João emprega os verbos da sequência de orações narrativas no tempo presente, não estruturando sua narrativa no modelo canônico laboviano, mantendo, porém, a concepção de sequencialidade temporal. Lembremos do item 2.4.1 em que, de acordo com Bastos (2005), nas narrativas, as histórias contadas são muitas vezes incompletas e difusas, sendo difícil identificar a entrada e a saída nestes segmentos de fala. A autora concebe que essas histórias narradas podem remeter a experiências passadas, possíveis, futuras ou hipotéticas.

João indica na linha 78, a ação de chegada de um indivíduo a um complexo penitenciário “você chega num complexo penitenciário” e, em seguida, estabelece uma orientação, descrevendo o personagem, como um jovem. João sugere que esse suposto jovem cometeu um delito, avaliado por ele, como um “pequeno” delito. Emprega a expressão “e tal” encerrando - interpreto como encurtando, ou ainda, não esclarecendo - uma possível sequência de características do ato ilícito e, após uma breve pausa, que pode indicar um momento de reflexão, descreve a possibilidade de que o hipotético ato de crime tenha sido mais grave, devido ao emprego do intensificador “grande” para a palavra delito.

Retomo Ewick e Silbey (2003), que identificam algumas reversões das características convencionais das relações nas estruturas sociais, nas narrativas, como estratégias ou táticas de resistência. João emprega termos genéricos, ou omite descrições em (linhas 79 a 81) “uma atitude que você vai fazer cê pensa que é uma coisa, mas é outra” (acelera o ritmo dessa fala, novamente não

evidenciando a intenção criminosa) e “então você acaba sendo forçado a cometer um ato que você não queira cometer”, amenizando o impacto das ações criminais. Dessa forma, João avalia a ação de alguns atos criminosos mais graves, como consequência do contato com o mundo do crime, podendo o indivíduo, em algumas circunstâncias, ser forçado a cometê-los.

João retorna à sequência de orações narrativas, dando ênfase à entonação do termo “mas” (linha 82), indicando um momento em que uma situação adversa estaria por vir a partir do momento de chegada (entende-se que na condição de apenado) no presídio - “MAS quando você chega aqui dentro”. As orações narrativas seguintes indicam mudanças na forma de se expressar e na forma de pensar do indivíduo. João avalia que a causa do processo de mudança dos internos é a convivência com pessoas com mentes altamente criminosas e voltadas para o crime (linhas 83 a 84). Observa-se que João (linhas 85 a 90) constrói, com a colaboração de Liana, uma resolução para a narrativa, declarando que um interno aprende “mais”, e “evolui” o que está vivendo - subentendendo-se o aprendizado da vida ligada ao mundo do crime. Liana marca o fim da narrativa compartilhando com João a ideia de que existe um saber ou um conhecimento específico sobre o crime, dentro das cadeias.

A transformação realizada pelo sistema prisional (“a cadeia”) na vida de João (e, supostamente, na vida de outros apenados) se deve, conforme seu relato, ao contato de um recém-chegado a um presídio com criminosos altamente relacionados com o crime organizado. Há narrativas de outros internos entrevistados, sobre a atuação de alguns elementos da polícia, discriminando e perseguindo ex-presidiários. Muitos declaram saber não ser fácil conseguir emprego ou alguma maneira lícita de trabalho, estando na condição de ex-presidiário. Por exemplo, Um dos entrevistados, o qual chamamos de José, declarou sentir-se transformado num delinquente, aos olhos da sociedade, porque compara a existência de sua ficha criminal, a um rótulo que o acompanhará para qualquer lugar que se dirija.

O cenário descrito no parágrafo acima dificulta qualquer tentativa dos ex-presidiários de deixarem o mundo crime e, conseqüentemente, as passagens pelo sistema prisional. Essa observação vai ao encontro da indicação de Foucault (item 2.1.1) na qual sugeriu que o delinquente pode ser um produto da instituição, pois as condições dadas aos detentos libertados podem condená-los à reincidência.

Percebe-se, então, na narrativa de João, a tentativa de estabelecer uma diferenciação entre a imagem de um criminoso antes e depois de ter sido preso. João resiste constantemente, conforme os recursos discursivos apresentados em sua narrativa, a ser identificado como uma pessoa portadora de uma essência criminosa de alto grau de periculosidade, não só por autoridades públicas, mas também por outros segmentos da sociedade.

Retomo a indicação de Castells (1999) de que a construção da identidade destinada à resistência pode originar formas de resistência coletiva diante de uma situação opressora. Os apenados, por exemplo, poderiam não suportar uma identidade a eles atribuída, essencializada, determinando um padrão de comportamento ao qual não se identificam. Dessa forma, para não se sentirem ultrapassando a um chamado “limite de resistência” dentro do presídio e imaginando um universo de conflitos e adversidades a serem vivenciados no momento de sua libertação, os apenados narram suas histórias de resistência, com todas as generalizações, restrições e omissões já demonstradas nesta análise.

As sinalizações de que a vinculação ao mundo do crime estaria sempre sujeita a ocorrer, não só pela proximidade com o crime organizado, mas também pela incompetência das autoridades públicas em ressocializar um apenado, favorecem a condição de que João construa, junto a outros companheiros, uma identidade defensiva em relação à opinião pública e às instituições dominantes. Sendo assim, percebe-se que a ideia de transgredir à ordem vigente na vida em sociedade, por motivo de sobrevivência (em uma visão mais determinista), ocorre de forma mais incisiva a partir do momento em que João relata a passagem pelo sistema prisional, de um indivíduo que tenha cometido um delito.

João demonstra consciência sobre os atos criminosos que cometeu, não questionando a existência de punição para si. Mesmo que de forma defensiva (e/ou resistente), analisa as escolhas que fez na vida. Há relatos também de outros internos, que não negam um determinado momento de escolha pessoal para se cometer um ato ilícito, ainda que não excluam a hipótese de terem sido expostos a condições sociais desvalorizadas e estigmatizadas. Relatam que alguns parentes e amigos resistem às condições adversas da vida e não se tornam criminosos. Porém, João e outros apenados não concordam com as condições indevidas encontradas em uma instituição que deveria ajudá-los a se ressocializarem.

A sequência encontrada na explanação de João no excerto 5 reafirma sua posição de confronto e resistência em relação ao sistema penitenciário e conseqüentemente às autoridades governamentais, já mencionadas no início deste excerto. João utiliza termos quantificadores como “maioria” e números percentuais (linhas 91 e 92), sugerindo conhecer o grupo com o qual lida e ter capacidade de avaliá-lo. Afirma que muitos internos gostariam de se ressocializar, mas que devido ao tratamento inadequado - “o massacre” e “as humilhações” - muitos deles se revoltam e não mudam sua forma de agir.

As humilhações e o massacre não foram descritos por João e por outros apenados durante as entrevistas gravadas. Possivelmente, o medo de retaliações por parte da segurança do presídio, por saberem que as informações seriam ouvidas pela direção da instituição, inibia os internos em suas elocuições. O processo de mortificação do eu, descrito por Goffman (1961) e revisado neste trabalho (item 2.1.2) indica alguns dos processos, por nós (pesquisadores) observados e mencionados por alguns apenados durante conversas informais.

Os internos reclamaram de condições de higiene das instalações e da má qualidade das refeições, por exemplo. Em consonância com o texto de Goffman, sentem constrangidos em ter que cumprir rotinas que os conduzem a agirem artificialmente e a assumirem papéis de submissão. Sentem a falta, por exemplo, da autonomia em poderem escolher o momento propício para pegarem sol no pátio externo, ou para alguma atividade básica, como comer em horários que sintam realmente fome. Goffman descreve essa condição como a de violência à autonomia do ato.

João desenvolve na linha 100, em ritmo lento em sua explanação, uma narrativa mínima “fez, paga, ótimo”. Observa-se que a narrativa, não canônica para os padrões labovianos, cria uma hipótese que sumariza e simplifica a trajetória de um apenado. João não só assume a condição de que um criminoso deve cumprir uma pena (“paga”) por um crime cometido (“fez”), como avalia, ao dizer “ótimo”, que o processo descrito é devido. Em seguida, João finaliza sua fala ao perceber que Liana estava alinhada ao contexto apresentado por ele, entendendo o seu ponto de vista, ou seja, a forma “sofrida” (segundo Liana) com que o apenado “paga” a sua pena é indevida. (linha 101 a 103).

O discurso de João é, dessa forma, repleto de reflexões e indicações de atos que sugerem resistência a órgãos governamentais e ao sistema prisional, que

proporcionam a manutenção de sua vida, e a de outros apenados, sem um propósito definido de crescimento pessoal nos presídios. João relaciona alguns de seus comportamentos e/ou atos de revolta e resistência a um universo que ultrapassa sua identidade individual, alinhando-se a outros companheiros do presídio ou a pessoas que se desenvolvem no mundo do crime por caminhos semelhantes aos seus. Sendo assim, sugere imagens e representações de identidade de grupo compartilhadas com outros indivíduos, principalmente apenados como ele.

4.3.2 O processo de ressocialização e a organização do crime dentro e fora dos presídios

O excerto seguinte (6) é a continuação do excerto 5 (na sequência da primeira parte da entrevista). Neste momento, João realiza uma crítica ao sistema prisional e ao processo de ressocialização. Não há narrativa a ser analisada, mas uma longa explanação de João em forma de avaliação.

Excerto 6

109	Liana	caminho errado, né? porque tem tem um valor aí:: que ele é:: do do lado de fora, né?
110		que ele é de quem, né? quem dita o que é certo e o que é errado é quem não é do
111		crime. mas como é que cê você vê isso, assim, você acha que (algum) é o caminho
112		errado... mesmo? você acha que tem justificativa, de alguma forma?
113	João	<u>tem</u> .
114	Liana	tem?
115	João	tem justificativa. tem justificativa porque (num) que nós num temos oportunidade.
116		como é que vai sair um preso aqui agora lá na, vai sair <u>hoje</u> . o cara ficou preso dez
117		anos, vai sair <u>hoje</u> . e o emprego pra ele, num tem. num existe isso. num existe um
118		programa que seja específico pra ressocializar o preso, pra dar chance, oportunidade,
119		não existe. porque se existisse eu garanto pra senhora que: a a esses trinta por cento
120		ia aumentar pra sessenta por cento, setenta por cento e assim sucessivamente, porque
121		<u>ninguém</u> , <u>ninguém</u> quer levar essa vida eternamente, entendeu? então eu acho que
122		se tivesse oportunidade, haveria possibilidade <u>sim</u> de haver uma mudança grande,
123		mas... creio eu que isso não interessa a muita gente, né?

Ao ser perguntado por Liana (linhas 111 e 112) se há justificativa para se escolher o chamado “caminho errado” (da criminalidade), João responde como apenado, e não como criminoso antes de ser preso, unificando os papéis de narrador e ator no momento presente da entrevista, ao dizer: “tem justificativa. tem justificativa porque (num) que nós num temos oportunidade. que como é que vai sair um preso aqui agora lá na, vai sair hoje” (linhas 115 e 116). João havia acabado de dizer “nós”, se referindo a qualquer presidiário como ele - “um preso”.

Em seguida emprega os advérbios, de lugar, “aqui”, e de tempo, “agora” e “hoje” (com ênfase na sílaba “ho”), marcando a referência para o contexto atual.

João havia se posicionado, conforme o excerto (5), como um apenado em condições semelhantes a tantos outros, dizendo que muitos (empregou números percentuais) gostariam de se ressocializar. Neste excerto (6), João reafirma essa vontade de ressocialização por parte dos apenados, justificando, por falta desta, a escolha pelo “caminho errado”, retomando a crítica ao processo de ressocialização. Informa que ninguém gostaria de levar “essa vida” eternamente. Reclama sobre a falta de programas de inclusão do ex-apenado no mercado de trabalho e na vida em sociedade (linhas 117 a 118).

Nos estudos de Goffman (2007) sobre instituições totais (item 2.1.2), observamos que, apesar de alguns dos papéis desempenhados por um ex-interno, antes da condenação, possam ser restabelecidos após reconquistar a liberdade, pode haver em sua vida, perdas irreversíveis e dolorosas, como as relações familiares, a vida profissional e a educacional. O acesso aos direitos legais, alguns citados por João (como o direito ao trabalho), também pode ser dificultado a um ex-interno, sendo esta condição considerada por Goffman, como “morte civil” do cidadão.

Em seguida, João é enfático em afirmar que “ninguém, ninguém quer levar essa vida eternamente” (vide a ênfase na segunda sílaba da palavra “ninguém”). Portanto, sugere que se existisse um programa de ressocialização, o percentual de adesão de apenados, de trinta por cento, poderia chegar a setenta por cento ou mais (“assim sucessivamente”), se um ex-presidiário encontrasse oportunidades de reestruturar sua vida.

João finaliza a sua explanação no referido turno (linhas 115 a 123) por meio de uma avaliação em tom de crítica indireta a instituições governamentais, visto que o assunto sobre o qual discorreu (ressocialização) diz respeito ao poder público. Em sua fala “mas... creio eu que isso não interessa a muita gente, né?”, João nos remete às palavras de Bauman (2003), já discutidas no item 2.2.1 deste trabalho, por meio das quais o autor sugere que “a guetificação é paralela e complementar à criminalização da pobreza”. Considerando a prisão, um gueto involuntário, do qual não se pode sair, Bauman escreve que esta é uma forma de

imobilizar, confinar e “prender os indesejáveis (os não adaptados à sociedade no chão”.³

Na sequência desta primeira etapa da entrevista, ao falar sobre a organização do crime dentro e fora dos presídios, João diz que o povo não precisa de migalhas como o programa bolsa-família, mas sim de saúde e educação. Dessa forma, relata que a “sua organização” (facção criminosa a que pertence) se preocupa com a sua comunidade. João nos contou que ele e seus companheiros de facção (dentre eles, os apenados), desejam uma comunidade sadia, sem o envolvimento das crianças com o crime. Afirmou que a cesta básica que o governo fornece, sua facção também pode oferecer - “nós também dá, nós ajuda.” (ver anexo I, linha 274).

Ao falar sobre a convivência com outros presos, João contou que o convívio é organizado por eles e que não admitem brigas (ver anexo I, linhas 292 a 306). Não forneceu detalhes sobre o que seria considerada uma falta grave entre eles. Apenas citou que um interno deveria respeitar o espaço do outro. Não nos informou também sobre como seriam as punições, caso houvesse desrespeito de alguma regra estipulada por eles. Acrescenta que a família é considerada sagrada para eles, incluindo a família dos guardas. Dessa forma, sugere que a organização à que ele pertence, é a mesma que existe do lado de fora do presídio.

No item 2.2.2, destinado ao estudo sobre os atos, discurso e identidade de resistência, observamos que, segundo Ewick e Silbey (2003), quando as formas diárias de resistência são transformadas em histórias, descrevendo o funcionamento das estruturas sociais, elas adquirem um caráter de coletividade e são duradouras. As autoras sugerem que esse tipo de conhecimento compartilhado e recontado por meio de histórias pode transformar atos coletivos em movimentos de resistência. Este procedimento constitui o próprio discurso de João. O apenado emprega o pronome “nós”, indicando fazer parte de uma organização criminosa “nossa organização”, além de indicar as ações coletivas do grupo de apenados que se organizam dentro do presídio: “nós também dá, nós ajuda”, “nós não temos oportunidade”, ou ainda “nós não admitimos esse tipo de coisa” (ou seja, brigas).

As observações acima sobre a formação de identidade de resistência e identidade coletiva entre os apenados remetem ao conceito de Snow (2001), que

³ BAUMAN, [2001] 2003, p.109.

também considera as identidades coletivas como processos em construção, realizados por atores sociais participando de diversos contextos. No momento em que João nos conta sobre a presença das facções criminosas nas comunidades, interagindo com os apenados nos presídios, e sobre a forma como se organizam para que não haja brigas entre os apenados, percebemos que a construção da identidade coletiva de grupo, baseada no senso compartilhado de *we-ness* (Snow, 2001) é mais forte. Ao mesmo tempo, a resistência dos apenados é mais explícita e se faz, não só por meio de críticas ao sistema carcerário nas explanações realizadas, mas por meio da mobilização cognitiva e emocional, em nome dos interesses da coletividade de apenados.